

## **Raça e Mão-de-obra em São João del-Rei: A Penetração das Idéias Raciais no Interior Mineiro**

Flávio Raimundo Giarola

Resumo: Este artigo objetiva investigar a maneira como os discursos da imprensa da cidade de São João del-Rei veicularam representações que exaltavam os povos europeus e rebaixavam os nacionais, visando a introdução de imigrantes. Trata-se de uma tentativa de mostrar como, na medida em que a inserção da força de trabalho estrangeira se tornou viável, a elite local, representada pelos periódicos, tendeu a imputar características negativas a negros e nacionais, ao mesmo tempo em que mostravam os imigrantes de origem européia como povos civilizados, modernos e racialmente superiores.

Apesar de um amplo debate em torno do tema a nível nacional, com trabalhos clássicos de autores como Lília Schwarcz, Célia Maria Marinho de Azevedo, Roberto Ventura, Márcia R. C. Naxara, entre outros; percebemos a carência de obras que discutam o debate racial nas cidades do interior do Brasil, fora do círculo Recife, São Paulo e Rio de Janeiro. Deste modo, a pesquisa exposta neste artigo justifica-se por essa ausência de trabalhos.

Nossa metodologia baseia-se na noção de representação de Roger Chartier, segundo a qual mesmo as representações coletivas mais elevadas só têm existência a partir do momento em que comandam atos e práticas que tem por objetivo a construção do mundo social. Assim, buscamos demonstrar como as representações diante da mão-de-obra veiculadas na imprensa sanjoanense contribuía para a elaboração de projetos para substituição do trabalho escravo pelo livre, sendo que a imigração de europeus mostrou-se a alternativa preferida pelos jornais. Utilizamos como fontes principais a imprensa da cidade entre os anos de 1871 e 1889, principalmente os jornais: “*O Arauto de Minas*”, “*A Verdade Política*”, “*Gazeta Mineira*” e “*A Pátria Mineira*”.

Entre nossos resultados, podemos perceber que, no momento de crise do escravismo, as representações que a elite tinha diante da força de trabalho disponível estavam vinculadas a uma pretensão de se construir um Brasil de população branca, civilizada e progressista, segundo os princípios do racismo científico do século XIX. Através de teorias como a do embranquecimento da raça brasileira, popularizadas por autores como Sílvio Romero, buscava-se formar uma nação sem negros, sendo que a constante miscigenação deveria servir a um propósito embranquecedor, ao contrário das teorias que divulgavam a degeneração do mestiço.

Concluimos que o exemplo de São João del-Rei, cidade que se destacou no cenário político e econômico de Minas Gerais nos séculos XVIII e XIX, pode lançar uma luz sobre a introdução das idéias raciais no interior da província. Por outro lado, mesmo com a forte influência do catolicismo nos discursos dos periódicos, característica que a cidade conserva até os dias atuais, o discurso científico encontrou espaço para penetração nos debates em torno da força de trabalho e da imigração de europeus.

Palavras-chave: Racismo; representações; mão-de-obra; imigração

As diversas teorias raciais<sup>1</sup> que se configuraram no cenário mundial, sobretudo a partir da segunda metade do século XIX, já foram assunto de intenso debate no meio historiográfico. No Brasil, esta discussão teve um impulso ainda maior nos anos recentes, devido, em grande parte, à polêmica em relação às cotas raciais nas universidades públicas. Tal questão reacendeu, por exemplo, a controvérsia em torno da imagem de peculiaridade e originalidade das relações entre brancos e negros no Brasil, configurada no mito da democracia racial.

Apesar da multiplicação de pesquisas em torno do tema, os trabalhos historiográficos que pretendem interpretar a introdução do racismo científico no país centram-se, quase sempre, no eixo Recife, Rio de Janeiro e São Paulo, grandes centros urbanos no período. A difusão de pensamentos desse tipo pelo interior do país pouco é debatida pelos historiadores, dando a impressão de que estes tiveram pouca ou nenhuma importância nestas regiões.

Entretanto, o racismo científico, introduzido nos discursos da elite intelectual brasileira, ajudou a forjar representações sociais diante de negros, mestiços, índios e imigrantes, que influenciaram fortemente os debates a respeito da mão-de-obra, sobretudo a partir de 1871. Se, segundo Roger Chartier, mesmo as representações coletivas mais elevadas só têm existência a partir do momento em que comandam atos e práticas que tem por objetivo a construção do mundo social<sup>2</sup>, torna-se pertinente entender como as representações, que inferiorizavam alguns indivíduos e supervalorizavam outros, se articulavam na produção de determinadas políticas e projetos que visavam à resolução do problema da carência de mão-de-obra em fins do século XIX. Deste modo, pretendemos demonstrar como foram introduzidas as visões racistas no imaginário da elite política da cidade de São João del-Rei e como elas se interagiam na construção de uma unanimidade diante do projeto imigrantista para substituição do regime de trabalho escravo. Para isso, utilizamos como fontes principais os jornais da cidade no período de crise do escravismo: *O Arauto de Minas*, *A Verdade Política*, *A Pátria Mineira*, *Tribuna do Povo* e *Gazeta Mineira*, importantes meios de difusão e criação de representações entre os grupos letrados.

As idéias raciais, no entanto, não se inseriram na cidade de São João del-Rei, tradicionalmente católica e conservadora, de forma clara e objetiva. Não se percebe em momento algum a citação de nomes importantes como Gobineau ou Spencer, ou mesmo de importantes figuras do cenário nacional como Silvio Romero (1851-1914). Além do mais, o positivismo não teve boa aceitação entre os jornais da região, principalmente pelo periódico conservador *O Arauto de Minas*, que foi o maior combatente da “religião da ciência” e de seu mestre, Comte (1798-1857), na cidade. Deste modo, uma olhada apressada na imprensa levaria a conclusão da não infiltração do racismo científico no município, ou pelo menos não durante o período imperial.

Porém, ao se analisar os discursos referentes à transformação do trabalho escravo para o livre, percebem-se várias representações diante de negros, nacionais<sup>3</sup> e imigrantes que demonstram a crença em vários pressupostos característicos das doutrinas raciais. Divisão da sociedade em raças; inferioridade do negro e superioridade do branco; aperfeiçoamento racial e darwinismo social foram teorias que estiveram presentes nos discursos da imprensa de São João del-Rei, sendo que todas elas caminharam para o prevailecimento de um projeto que valorizou o imigrante em detrimento das demais possibilidades de mão-de-obra.

Os órgãos de imprensa da cidade tendiam a concordar nos benefícios da imigração e mostravam-na como solução mais viável para a carência de força de trabalho que adviria com o fim do escravismo. A partir da década de 1880, passaram a justificar tal posição através da noção de excelência dos imigrantes provenientes da Europa sobre os demais tipos de trabalhadores à disposição.

O jornal *O Arauto de Minas*, por exemplo, passa a rejeitar o negro enquanto elemento social a partir do momento em que viabiliza a introdução de brancos. Ao mesmo tempo, os homens de cor passam a ser vistos como corruptores da nação e ligados a todos os problemas do Brasil. É exemplar nesse sentido o artigo de 1 de abril de 1886 intitulado “*O trabalho*” do qual extraímos o trecho a seguir:

Agora que nosso país vai passar por uma verdadeira metamorfose; agora que o Brasil vai felizmente ficar livre da foice devastadora do negro, essa máquina estúpida que até hoje só tem servido para reduzir às cinzas as preciosidades que a sábia natureza nos legou, devemos, todos em um só pensar, apontarmos àqueles que têm seguido as rotinas coloniais o caminho que devem seguir!<sup>4</sup>

Trata-se, aí, de um discurso onde, segundo Lilia Schwarcz, o negro é considerado um “*estrangeiro indesejável*” a partir do momento em que se dá a introdução em larga escala do imigrante europeu<sup>5</sup>. *O Arauto de Minas* considerava que os brancos eram superiores aos negros porque eram mais inteligentes: “Ou provenha a escravidão de uma usurpação, ou do abuso da força sobre a fraqueza, ou da superioridade das raças mais inteligentes sobre as mais estúpidas (...)”<sup>6</sup>. Representou por várias vezes os negros como sendo uma raça com instintos selvagens, caracterizado pela expressão “*Raça embrutecida*”<sup>7</sup>. Em vários momentos, o periódico mostra os “homens de cor” quase como indivíduos incontroláveis, com uma tendência natural ao crime.

Este imaginário estava estritamente associado à mudança do regime de trabalho, pois tomava corpo a percepção de uma sociedade dividida entre senhores indefesos, de um lado, e escravos violentos, de outro. Deste modo, visualizava-se entre a camada letrada a idéia de um “perigo negro”, que traria riscos à sobrevivência da civilização no Brasil<sup>8</sup>.

Os conservadores escravistas d’*O Arauto de Minas* empregavam este tipo de representação para mostrar que o fim imediato da escravidão traria naturalmente a desordem e a anarquia:

Em um país como o nosso, em que uma terça parte da população é escrava, e em que a lavoura, nossa única riqueza, não pode contar senão com braços escravos, [...] pôr termo à escravidão, é implantar desde já o desânimo e o terror no espírito dos brasileiros verdadeiramente laboriosos, é arruinar completamente nossa principal fonte de riqueza, é imprimir no país inteiro a mais profunda e violenta comoção, é enfim expor milhares de vidas preciosas aos instintos ferozes de uma raça embrutecida<sup>9</sup>.

Pode-se perceber na citação acima, que o discurso do periódico combina temores diante de uma crise econômica inerente a abolição com a segurança dos indivíduos “verdadeiramente laboriosos” expostos aos “instintos ferozes de uma raça embrutecida”. O fator racial é destacado, a raça negra seria uma raça selvagem e por isso ameaçadora, caso ficassem longe da proteção dos brancos.

Em uma notificação de assassinato de um senhor pelo seu escravo, em 28 de fevereiro de 1885, no município de Mar de Espanha e cujo caso terminou com a morte do cativo pelos “*cidadãos*” da região, o periódico falava de um ambiente de guerra entre senhores e escravos, e cuja culpa era dos abolicionistas: “Desde que os trêfegos abolicionistas incitam os escravos à revolta, não será para admirar que os fazendeiros, para ressaltarem sua vida e sua família, matem negros como macacos”<sup>10</sup>. No artigo acontece o que foi percebido por Célia M. M. de Azevedo ao analisar os debates na Câmara dos Deputados da Província de São Paulo, a preocupação em atribuir ao senhor assassinado todas as qualidades do bom senhor, vítima indefesa de um bárbaro escravo<sup>11</sup>.

Apenas uma abolição gradual, através da Lei do Ventre Livre possibilitaria com que o escravo libertado se confunda aos poucos e se identifique com a massa da população livre:

[...] e nela desaparecendo, nunca podendo formar um corpo à parte e ameaçador, como aconteceria se de um dia para o outro se abrissem as portas de todas as fazendas e se soltassem à liberdade bandos numerosíssimos de escravos, animados pela maior parte dos mais ferozes instintos<sup>12</sup>.

Assim, o periódico não conseguia imaginar a inserção social imediata de tantos negros na sociedade dos brancos, a convivência entre ex-escravos e livres seria quase impossível:

Tudo sofreria: costumes, fortuna pública e particular, moralidade... E o mal que se havia de dar não era singelo, mas sim duplo.

As falanges de infelizes que se teriam de criar, seriam de duas espécies: dos antigos senhores e a dos novos cidadãos.

Aos primeiros, faltariam de repente o trabalho de seus escravos, e aos segundos, escaparia de súbito tudo quanto lhes davam seus senhores.<sup>13</sup>

Essa tensão diante de uma possível anarquia resultante da liberação imediata de uma multidão de negros no mundo livre apareceu também em outros periódicos da cidade. A *Gazeta Mineira*, jornal que se considerava neutro diante das disputas políticas, considerava o tema do fim do regime servil “envolvido em reservas filhas do pânico terror”<sup>14</sup>. Sobre os abolicionistas, dizia que:

Não olham muito os meios e pouco lhes importam as conseqüências mais ou menos funestas que possam provir de sua propaganda, nem sempre inspirada pela prudência refletida ou pela tranqüilidade e segurança comuns.<sup>15</sup>

O jornal pedia para que as autoridades intervissem em busca de uma solução “pacífica e feliz”, caso contrário, a sociedade seria entregue “às mais aterradoras comoções”. Falava-se de “profundas catástrofes” que poderiam decorrer da negligência dos políticos diante do assunto. A maior de todas as calamidades visualizadas pelo impresso seria a guerra civil entre abolicionistas, senhores e escravos:

De um lado avolumam-se extraordinariamente a onda abolicionista; de outra criam-se por toda a parte clubes de lavradores, com o fim de resistirem energeticamente à impetuosidade da corrente.

Cenas aterradoras reproduzem-se a todo instante, e já tem regado o solo pátrio o sangue de muitos proprietários de escravos.

Os lavradores vivem em contínuo sobressalto, enxergando a toda hora diante de si uma morte bárbara, uma hecatombe tremenda.

Agora é que podemos dizer realmente que estamos sobre um vulcão.<sup>16</sup>

Como *O Arauto de Minas*, a *Gazeta Mineira* enfatiza o assassinato dos senhores pelos seus escravos. Tal atitude demonstra a preocupação que estas ocorrências causavam na elite, principalmente nos proprietários de escravos. Trata-se de uma insegurança das classes proprietárias diante do acirramento dos conflitos entre escravos e senhores, representados pelo aumento da indisciplina e crimes de escravos contra seus senhores, feitores e respectivas famílias<sup>17</sup>.

*O Arauto de Minas* também se preocupou com o tipo de trabalhador que se queria. Ao se referir aos trabalhadores portugueses que operavam na construção da Estrada de Ferro Oeste de Minas, dizia que eles eram “morigerados e pacíficos”<sup>18</sup> e, por isso, bons trabalhadores. Por outro lado, a recusa ao imigrante chinês se dava por serem indivíduos “vindos da nação mais rotineira e atrasada do globo! Homens, cuja indolência é proverbial, e cuja imoralidade tem feito com que tenham sido enxotados de outros países”<sup>19</sup>. Em 20 de janeiro de 1884, entre os males da administração de Sinimbu, o jornal colocava a “Imigração Chinesa”.

A *Gazeta Mineira* também mostrava sua preferência por um tipo de imigrante: o europeu. Falava-se do clima do Brasil e de São João del-Rei para o cultivo de produtos agrícolas característicos da Europa e da Itália, como amoras, cereais e uvas. Segundo o periódico, a intimidade que os colonos teriam com estes artigos daria “imediato e remunerador trabalho”. O jornal lançava olhar nas províncias setentrionais da península itálica, “ricas de um pessoal morigerado, inteligente e trabalhador”<sup>20</sup>.

Neste mesmo periódico, em 23 de janeiro de 1884, ao mesmo tempo em que falava da necessidade de atrair para o Brasil uma população “laboriosa e viril”, apresentava o povo brasileiro como indolente, resultado da escravidão dos negros. Somente a imigração de

européus poderia fazer com que: “Em vez de raquítico e enfezado, ostentaremos ao mundo um povo digno do solo que ocupa, e não mais se dirá que no Brasil tudo é grande e majestoso, exceto o homem que é ridículo e pequeno”. Assim, o nacional é mostrado como fraco e incapaz de dar continuidade ao desenvolvimento do Brasil. Faz-se necessário a introdução de um elemento tido como superior, não apenas por suas qualidades como trabalhador, mas também por sua excelência física: “Abramos os braços à imigração proveniente de povos másculos e sãos, e ofereçamo-lhes entre nós uma segunda pátria”<sup>21</sup> (grifo nosso).

Maria M. R. Pinheiros cita uma edição da Gazeta Mineira na qual a superioridade racial do imigrante fica ainda mais evidente:

[...] homens civilizados *oriundos de uma raça aperfeiçoada*, educados em princípios sãos, de moral privada e social, homens que possam formar conosco uma nacionalidade vital e enérgica pelo amor das grandes conquistas da religião e da razão, nacionalidade capaz de ombrear com as mais pujantes e mais cultas.<sup>22</sup> (grifo nosso)

O mesmo tipo de concepção pode ser verificado no liberal *A Verdade Política*. Em texto cuja autoria é creditada a um cidadão denominado Jaubert, lia-se: “Fisiologicamente falando, temos necessidade de sangue novo para sermos uma nação forte e robusta (...)”<sup>23</sup>. Tais idéias muito se assemelham à teoria do embranquecimento<sup>24</sup>, visto que se baseiam na noção de que a inserção do elemento proveniente da Europa daria à raça brasileira o “sangue” necessário ao seu fortalecimento. O discurso da folha liberal é transpassado por um vocabulário biológico, característico do discurso científico/racial do final do século XIX.

Em 13 de dezembro de 1888, este jornal novamente representava os imigrantes como fisicamente vigorosos, com o acréscimo de qualidades morais e da facilidade de adaptação ao clima do Brasil:

Já está reconhecido quanto vale o trabalho agrícola dos italianos do norte: *são trabalhadores fortes, sadios de bons costumes, que facilmente aclimam-se no Brasil*, e principalmente na zona do Oeste, onde o clima é igual ao da Itália, igualmente temperado no verão e menos rigoroso no inverno<sup>25</sup> (grifo nosso).

As vantagens da imigração foram resumidas em 23 de janeiro de 1889: “Acreditamos que o sangue, a atividade e civilização do europeu será um dos mais poderosos fatores de nossa grandeza”<sup>26</sup>. Novamente vemos a idéia de inserção de sangue novo e a noção de superioridade racial do europeu que poderia levar o Brasil ao desenvolvimento pretendido.

*O Arauto de Minas* igualmente utilizou o vocabulário de valorização da excelência física dos imigrantes, bem como a metáfora da introdução de sangue novo. O impresso mostrou este ponto de vista em artigo de 04 de dezembro de 1888, intitulado “*Filosofemos sobre a imigração*”:

*Ainda ontem chegaram homens robustos, mulheres coradas, de cujas faces pareciam querer brotar gotas de sangue.*

[...]

Se de um lado *a nossa pátria sente o sangue novo correr-lhe nas veias, dando-lhe uma vida de prosperidade*; a medalha tem também o seu reverso.

Essa mesma voz do progresso atira-nos o pensamento à miséria e faz-nos ver nessa pobre gente expatriada as vítimas da fome, que fogem à terra natal, em busca do pão negro da desgraça, menos horrível que a morte...<sup>27</sup> (grifo nosso).

Essa exaltação do imigrante também apareceu no texto de Severiano Nunes Cardoso de Rezende<sup>28</sup> (1847-1920), para uma espécie de folhetim distribuído aos fazendeiros. Neste, falava-se que as famílias que se encontravam na hospedaria foram escolhidas “do que há de melhor da gente chegada da Europa”<sup>29</sup>.

Defender a imigração não era, portanto, um ideal antipatriótico. Pelo contrário, a introdução do *sangue-novo* servia a um objetivo de criar uma nova nação, composta por homens brancos, fortes e sadios, de acordo com os padrões prevaletentes na época. O estrangeiro viria, portanto, engrandecer o Brasil através de sua superioridade racial.

Outro argumento importante levantado pelos periódicos foi a relação oposta entre um país rico em recursos naturais e um povo fraco que não consegue aproveitar todas as suas potencialidades, discurso bem próximo às idéias do inglês Thomas Buckle<sup>30</sup>. Como já foi mostrado, a *Gazeta Mineira* achava que o brasileiro não era digno do solo que ocupa. Por outro lado, *A Verdade Política*, em 23 de janeiro de 1889, dizia que no Brasil falta gente que “queira e saiba explorar nossas riquezas”. Em vista disso, necessitava-se de uma renovação da população brasileira: “Esses elementos novos e vivificantes encontraremos na imigração européia”. Os imigrantes europeus seriam, portanto, os portadores da “inteligência e trabalho” necessários para “aperfeiçoar os inúmeros recursos naturais do nosso abençoado país”<sup>31</sup>.

Por outro lado, os imigrantes representavam por si só um processo modernizador, portadores não apenas do progresso, mas também de civilização. Este conceito aparecia representado na cidade como uma série de características que iam desde o material até o moral. Nas palavras de Nobeit Elias:

O conceito de “civilização” refere-se a uma grande variedade de fatos: ao nível de tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, às idéias religiosas e aos costumes. Pode se referir ao tipo de habitação ou à maneira como homens e mulheres vivem juntos, à forma de punição determinada pelo sistema judiciário ou ao modo como são preparados os alimentos. Rigorosamente falando, nada há que não possa ser feita de forma “civilizada” ou “incivilizada”. Daí ser sempre difícil resumir em algumas palavras tudo o que se pode descrever como civilização.<sup>32</sup>

Em São João del-Rei percebe-se igualmente esta elasticidade do termo civilização, visto que, ele poderia ser usado para definir avanços como a ferrovia (neste caso fica próximo à idéia de progresso), o nível de educação e conhecimento de um indivíduo ou sociedade, valores morais centrados na tradição judaico-cristã, a própria religião, entre outros. Em definição exposta pela *A Pátria Mineira* podemos perceber tal flexibilidade do termo:

civilização é “o conjunto do saber, da moralidade e do bem estar material que a sociedade possui em um momento dado.” Esta, pois, depende do progresso que consiste “no crescimento gradual do saber, da moralidade e do bem-estar material que a evolução traz aos seios das sociedades e no melhoramento das faculdades intelectuais, estéticas e morais que opera nos indivíduos”<sup>33</sup>.

A citação acima é exemplar sobre várias questões tratadas por nós neste artigo. Primeiro, uma estreita relação entre a noção de civilização e progresso, mostrando que estas poderiam se confundir nos discursos. Segundo, uma amplitude da noção de civilização, abarcando a moralidade, o saber e o avanço material. Por fim, a implícita crença no darwinismo social, através da idéia de evolução necessária dos povos rumo ao seu aperfeiçoamento<sup>34</sup>.

Nesta perspectiva, a Europa é vista pela imprensa como a portadora de todos os valores da civilização. Entretanto, alguns países poderiam ser considerados melhores do que os outros. É o caso, por exemplo, d’*A Pátria Mineira*, que considerava as republicas européias melhores do que as monarquias. Já *O Arauto de Minas* considerava os países não cristãos fora da civilização, por isso, ao anunciar as tensões entre a Rússia e a Turquia, fazia-o da seguinte forma: “Não se desvanecem contudo as possibilidades de guerra entre a Turquia e a Rússia, procurando esta impedir que continuem os bárbaros muçulmanos a divertir-se assassinando aos milhares cristãos, súbditos da Porta”<sup>35</sup> (grifo nosso).

No entanto, os imigrantes europeus desejados pela cidade recebiam uma infinidade de elogios que buscavam demonstrar sua superioridade sobre as demais possibilidades de mão-de-obra. Assim, além do fator raça, conceitos como o de progresso e civilização definiam os estrangeiros provenientes da Europa como superiores.

*A Verdade Política* foi um dos periódicos que mais atribuiu este tipo de característica positiva aos imigrantes. Sobre os italianos do núcleo colonial da cidade dizia que tinham “índole ordeira e pacífica, como não a tem os nossos próprios patrícios”. Afirmava também

que o imigrante vem “colaborar no nosso desenvolvimento moral e material com a força do seu espírito e do seu braço”<sup>36</sup>. Essa confiança era tamanha que se pensava inclusive que a imigração traria consigo a industrialização característica dos países da Europa ocidental:

E não é senão para isto, para engrandecer, povoando e lavrando ou industrializando a nossa pátria, que o governo o manda vir a custa do tesouro e procura estabelecê-lo em núcleos coloniais ou fazendas particulares<sup>37</sup>.

Sobre os italianos, a folha liberal dizia: "O Italiano, por exemplo, e do norte principalmente, é homem honesto, morigerado, respeitador da família, submisso à lei, fiel e laborioso, tanto ou mais do que qualquer outro povo"<sup>38</sup>. Desta maneira, o imigrante proveniente da Itália era apresentado como portador de uma gama de qualidades consideradas civilizadas.

Também no já mencionado folheto propagandístico da hospedaria de imigrantes percebe-se esta imagem positiva dos italianos do norte da península. Valorizava as famílias provenientes desta região, “cuja índole, atividade e costumes já tem a experiência demonstrado serem irrepreensíveis”<sup>39</sup>.

Para *O Arauto de Minas*, dever-se-ia “colonizar a província para engrandecê-la”<sup>40</sup>. O periódico fazia uma correspondência entre a injeção de imigrantes na população nacional e o desenvolvimento que seria alcançado com tal ato. Deste modo, o jornal pensava que imigração era sinônimo de progresso<sup>41</sup>.

Para a *Gazeta Mineira*, São João del-Rei, com um clima semelhante ao do Norte da Itália, deveria incentivar a produção de artigos característicos desta região, como a criação do bicho da seda: “Oferecendo a estes imigrantes terrenos próprios para a rendosa indústria, a que estão afeitos, veremos em breve *impulsionado nosso progresso*”<sup>42</sup> (grifo nosso).

O nacional, por seu turno, era representado como indolente por natureza, considerado ridículo e pequeno diante da grandeza das belezas naturais do Brasil. Sobre o caboclo, em um artigo de combate a vadiagem, o periódico dizia que, antes de atitudes repressivas, deveria ser direcionada a estes “os elementos civilizadores”<sup>43</sup>. Deste modo, “o homem livre e de vida independente de nosso interior” estava ausente do que era considerado civilização e, por isso, deveria ser assimilado através de um processo civilizatório.

O conservador *O Arauto de Minas*, que interligava imigração e progresso, comparou o desenvolvimento intrínseco ao imigrante europeu com a inércia inerente a população nacional:

Era belo o espetáculo que se desenhava aos olhos de nós outros, acostumados ao meio quase inerte de uma estagnação, com aparência de movimento.

Parece que em cada imigrante víamos uma molécula do progresso a desprender-se do grande corpo do futuro<sup>44</sup>.

Apesar disto, o republicano *A Pátria Mineira* viu no mineiro várias qualidades, que se opunham a perspectiva do elemento nacional como pouco civilizado e inerte diante do progresso das demais nações:

O mineiro é sóbrio, ativo, econômico e trabalhador; é leal nas relações sociais e na luta pela vida; observa religiosamente a fé dos contratos; tem a necessária aptidão para as indústrias, como atesta muitos produtos de sua confecção; é enfim pacífico, ordeiro, cheio ao mesmo tempo de ânimo para empresas, conforme se vê nos antigos trabalhos de confecção e outros<sup>45</sup>.

Mesmo que tenha restringido seu ponto de vista ao mineiro, percebe-se uma valorização singular do nacional. Para o jornal, não se poderia imputar “nem á natureza que se mostra tão pródiga nem ao caráter de nosso povo” o estado de pobreza pelo qual o periódico dizia passar a Província de Minas Gerais. Porém, como quase todo artigo deste impresso, estas afirmações não estavam isentas de interesses políticos, já que a causa para este atraso estaria “no sistema de governo monárquico centralizador a que estamos submetidos”<sup>46</sup>.

As noções de raça, progresso e de civilização, baseadas em ideais de modernidade, ajudaram, portanto, a nortear o processo de substituição da mão-de-obra em São João del-Rei.

Através delas, pôde-se construir representações que identificavam o imigrante europeu como raça superior, expoente da civilização e portador do progresso necessário ao desenvolvimento nacional. Por outro lado, o trabalhador nacional, assim como os negros, foi rebaixado dentro destes discursos, considerado incapaz de levar o país rumo à evolução. Deste modo, estas representações foram fundamentais na definição de um projeto de substituição da força de trabalho que se mostrou unânime entre os jornais da cidade, a imigração de italianos.

### Considerações Finais

São João del-Rei foi durante o século XIX uma das principais cidades de Minas Gerais, ombreado com a, até então, capital Ouro Preto. Com isso, ao estudar o caso da infiltração do chamado racismo científico na cidade, podemos traçar alguns fundamentos básicos da introdução de tais princípios no interior mineiro.

Mesmo com o tradicional catolicismo da cidade, diversos pressupostos básicos do racismo científico foram incorporados nos discursos dos periódicos de forma quase aleatória. A não citação de nomes importantes relacionados a tais idéias nos leva a crer que, quando tais teorias chegavam nestas regiões, tomavam ares de senso comum entre a elite letrada. Ou seja, afirmações como a inferioridade do negro, por exemplo, tornavam-se uma constatação óbvia, independentes de longas citações ou explicações formais. Deste modo, tais discursos, de base científica, não entravam em conflito com os dogmas da Igreja.

Além da idéia de inferioridade dos negros, o nacional, visto como racialmente fraco e raquítico, precisaria ser fortalecido, através da introdução de imigrantes. Este viria das nações européias, berço dos povos mais fortes. Periódicos como a *Gazeta Mineira* e *A Verdade Política* e *O Arauto de Minas* propagaram a idéia de injeção de sangue novo, em busca do fortalecimento da raça nacional, tese que muito se aproximava da famosa ideologia do branqueamento, ainda que essa não tenha sido apresentada de forma explícita. Nesta perspectiva, a imigração de *coolies* deveria ser barrada, sob o risco de mongolização do país.

Por outro lado, tais representações estavam relacionadas com a imagem de superioridade do imigrante branco europeu, que também foi dada pelas noções de civilização e progresso. Provavelmente sobre a influência do darwinismo social, os periódicos difundiam a concepção de que os países da Europa estariam em um patamar evolutivo mais avançado do que o Brasil. Deste modo, bastaria introduzir os imigrantes deste continente para que o país alcançasse o progresso e a civilização necessários para se chegar à modernidade.

Assim, o debate em torno da substituição da mão-de-obra torna-se um campo fértil para a análise da inserção das idéias raciais nas regiões interioranas de Minas Gerais. É no momento de crise do escravismo que se tornou explícito diversas representações que apontavam para a crença em diversos fundamentos do racismo científico, sendo que estas ajudaram na construção da imagem do imigrante ideal, solucionador de todos os problemas e males do Brasil.

### Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. *Onda Negra, Medo Branco: o negro no imaginário das elites do século XIX*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990

ELIAS, Nobert. *O Processo Civilizador: Uma História dos Costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

LESSER, Jeffrey. *A Negociação da Identidade Nacional: Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

MAGNOLI, Demétrio. *Uma gota de Sangue: História do Pensamento Racial*. São Paulo: Contexto, 2009.

MONTEIRO, Norma de Goés. *Imigração e Colonização em Minas (1889-1906)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1994.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Estrangeiro em sua própria terra: Representações do brasileiro (1870/1920)*. São Paulo: Annablume, 1998.

POLIAKOV, Léon.. *O Mito Ariano: Ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos*. São Paulo: Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.

PINHEIRO, Maria Margarete Rodrigues. *A Transição para o Trabalho Livre em São João Del-Rei: Aspectos econômicos, políticos e ideológicos*. São João Del-Rei: Monografia de Pós-Graduação, FUNREI, 1998.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Retrato em Branco e Negro: Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.

\_\_\_\_\_. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1993.

SKIDMORE, Thomas E.. *Preto no Branco: Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical: História Cultural e polêmicas literárias no Brasil*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1991.

<sup>1</sup> Ao longo do século XIX, as diferenças entre os grupos humanos tenderam a, cada vez mais, serem explicadas pelas teorias raciais, que se apresentaram como um discurso científico, ainda que por muito tempo ligado aos dogmas religiosos. Serviram como legitimadoras do imperialismo europeu, possibilitando a hierarquização da humanidade de forma que o homem branco ocupasse o topo da evolução da espécie, símbolo maior do progresso e da civilização. Estas doutrinas raciais - que ganharam força na Europa no século XIX, através de autores como Darwin (1809-1882), Spencer (1820-1903), Gobineau (1816-1882) e tantos outros - foram bem recebidas entre os intelectuais brasileiros, que buscaram explicar os problemas nacionais e suas soluções através do fator raça.

<sup>2</sup> CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 18.

<sup>3</sup> Segundo NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Estrangeiro em sua própria terra: Representações do brasileiro (1870/1920)*. São Paulo: Annablume, 1998, p. 15, nos documentos do século XIX e início do XX usou-se o termo nacional quando se pretendeu falar da população pobre, (mal) nascida do Brasil, em geral mestiça, pertencente ou egressa da escravidão. Tratava-se, quase sempre dos homens livres desprovidos de recursos, frequentemente agregados e camaradas, que, diante do regime escravista, foram postos à margem dos processos essenciais da vida social e econômica.

<sup>4</sup> *O Arauto de Minas*, 01 de abril de 1886.

<sup>5</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Retrato em Branco e Negro: Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Círculo do Livro, 1989, p 245.

<sup>6</sup> *O Arauto de Minas*, 05 de dezembro de 1884.

<sup>7</sup> *O Arauto de Minas*, 24 de dezembro de 1880.

<sup>8</sup> VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical: História Cultural e polêmicas literárias no Brasil*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1991, p. 46; AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. *Onda Negra, Medo Branco: o negro no imaginário das elites do século XIX*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

<sup>9</sup> *O Arauto de Minas*, 24 de dezembro de 1880.

- <sup>10</sup> *O Arauto de Minas*, 28 de fevereiro de 1885.
- <sup>11</sup> AZEVEDO, Célia Maria Marinho. Op. Cit. p. 121.
- <sup>12</sup> *O Arauto de Minas*, 28 de fevereiro de 1885.
- <sup>13</sup> *O Arauto de Minas*, 17 de dezembro de 1880.
- <sup>14</sup> *Gazeta Mineira*, 19 de maio de 1884.
- <sup>15</sup> Idem, ibidem.
- <sup>16</sup> Idem, ibidem.
- <sup>17</sup> AZEVEDO, Célia Maria Marinho. Op. Cit. p. 117-120.
- <sup>18</sup> *O Arauto de Minas*, 12 de fevereiro de 1881.
- <sup>19</sup> *O Arauto de Minas*, 04 de outubro de 1879.
- <sup>20</sup> *Gazeta Mineira*, 01 de janeiro de 1884.
- <sup>21</sup> *Gazeta Mineira*, 23 de janeiro de 1884.
- <sup>22</sup> *Gazeta Mineira*, 14 de março de 1889, apud: PINHEIRO, Maria Margarete Rodrigues. *A Transição para o Trabalho Livre em São João Del-Rei: Aspectos econômicos, políticos e ideológicos*. São João Del-Rei: Monografia de Pós-Graduação, FUNREI, 1998, p. 43.
- <sup>23</sup> *A Verdade Política*, 21 de novembro de 1888.
- <sup>24</sup> Em busca da negação da idéia de inferioridade inata dos mestiços, a intelectualidade brasileira forjou uma conclusão otimista baseada na afirmação chave de que a miscigenação não produzia inevitavelmente “degenerados”, mas uma população branca, tanto cultural quanto fisicamente. A tese do branqueamento se apoiava na hipótese de que a mistura racial, da forma em que ocorria no Brasil, produzia “naturalmente” uma população mais clara, em parte porque o gene branco era mais forte e em parte porque as pessoas procurassem parceiros mais claros do que elas (SKIDMORE, Thomas E.. *Preto no Branco: Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1976, p. 81). A imigração de europeus aparecia nesse contexto como veículo impulsionador do embranquecimento da nação, pois, constituindo uma “*raça mais forte*”, se imporiam no contexto racial brasileiro.
- <sup>25</sup> *A Verdade Política*, 13 de dezembro de 1888.
- <sup>26</sup> *A Verdade Política*, 23 de janeiro de 1889.
- <sup>27</sup> *O Arauto de Minas*, 04 de dezembro de 1888.
- <sup>28</sup> Redator d’*O Arauto de Minas* e diretor da hospedaria de imigrantes da cidade.
- <sup>29</sup> Propaganda de Severiano Nunes Cardoso de Rezende sobre a hospedaria de imigrantes de São João del-Rei direcionada aos fazendeiros, São João Del Rei, 30 de dezembro de 1888, Acervo particular do fazendeiro Geraldo José Rodrigues.
- <sup>30</sup> Thomas Buckle acreditava que, diante da magnitude da vegetação e da fauna brasileira, o homem era reduzido à insignificância. O meio físico tropical não era favorável para a produção de uma civilização notadamente evoluída e, sem a ajuda estrangeira, o Brasil teria regredido. O autor ainda dizia que, mesmo no presente, com todos os aperfeiçoamentos originários da Europa, não havia sinais de progresso real (SKIDMORE, Thomas E.. *Preto no Branco: Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1976, p.45). No entanto, todas estas conclusões foram feitas sem que o inglês jamais tivesse pisado em solo brasileiro.
- <sup>31</sup> *A Verdade Política*, 23 de janeiro de 1889.
- <sup>32</sup> ELIAS, Nobert. *O Processo Civilizador: Uma História dos Costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990, p. 23.
- <sup>33</sup> *A Pátria Mineira*, 26 de setembro de 1889.
- <sup>34</sup> A definição do termo civilização exposta n’*A Pátria Mineira* foi extraída de alguma outra fonte, provavelmente um dicionário do período. Porém, a origem da mesma não é identificada pelo periódico.
- <sup>35</sup> *O Arauto de Minas*, 08 de março de 1877.
- <sup>36</sup> *A Verdade Política*, 30 de abril de 1889.
- <sup>37</sup> Idem, ibidem.
- <sup>38</sup> Idem, ibidem.
- <sup>39</sup> Propaganda de Severiano Nunes Cardoso de Rezende sobre a hospedaria de imigrantes de São João del-Rei direcionada aos fazendeiros, São João Del Rei, 30 de dezembro de 1888, Acervo particular do fazendeiro Geraldo José Rodrigues.
- <sup>40</sup> *O Arauto de Minas*, 19 de janeiro de 1889.
- <sup>41</sup> *O Arauto de Minas*, 04 de dezembro de 1888.
- <sup>42</sup> *Gazeta Mineira*, 21 de março de 1884.
- <sup>43</sup> *Gazeta Mineira*, 14 de agosto de 1884.
- <sup>44</sup> *O Arauto de Minas*, 04 de dezembro de 1888.
- <sup>45</sup> *A Pátria Mineira*, 25 de julho de 1889.
- <sup>46</sup> Idem, ibidem.